

## **MEMÓRIA DA CIDADE DE CACONDE**

Têm sido praticamente inúteis todos os apelos dos órgãos públicos de comunicação e publicidade para que não se destruía a memória das cidades e povoações. Infelizmente o progresso não respeitou prédios, praças, monumentos, velhas ruas e até velhas árvores que falavam de um passado longínquo, cheio de lutas, de ideais e de esplendor. Em nome do desenvolvimento, edifícios como a Casa Grande da Soledade, na praça principal de Caconde, foram substituídos pelas linhas retas de concreto ou pelos bangalôs estilo americano, que nada tinham e nem tem a ver com a paisagem urbana local.

Documentos preciosos, que marcavam a origem da cidade, desapareceram, inclusive o primeiro livro do tomo, da velha Freguezia fundada em 1775 pelo padre Francisco Bueno de Azevedo, cujo nome se apagou da memória dos pósteros, como os dos que, depois, restauraram a Freguezia e a fizeram crescer e expandir-se, enfrentando dificuldades sem conta.

Cidade colonial típica, de montanha, plantada nos contrafortes da Mantiqueira, tem hoje uma arquitetura desfigurada, confusa, em que aparecem, inclusive, casas de fachada que se inspiram, e muito mal, nas que podemos ver ao longo do Lago de Paranoá, em Brasília. Misturou-se o antigo com o moderno, sem que os poderes competentes cuidassem de preservar a memória da cidade. Os jovens de hoje pouco sabem como a urbe renasceu no lugar em que se encontra. Simplesmente vai-se apagando a memória de tudo, memória que ainda pode ser encontrada em algumas ruas afastadas e em velhas fazendas. Mas restaram documentos no Arquivo do Estado, na Cúria Metropolitana de São Paulo, na Câmara Municipal, na Cúria Diocesana de São João da Boa Vista e em cidades do sul de Minas. Pudemos assim, depois de mais de dez anos de pesquisas, reconstruir a história de Caconde até a contemporaneidade. E mostrar, com fotografias, como eram suas casas, suas ruas e suas praças. E contar, sobretudo, a luta de homens que amaram esta cidade e lhe deram impulso. Pretendeu o autor preservar a memória da cidade de Caconde. E certo está que dentro de alguns anos nada mais restará dos velhos tempos. Guardar esta lembrança foi objetivo em que uns poucos colaboraram e muitos fizeram questão de ignorar.

## **OS TEMPOS HERÓICOS**

Verá o leitor, nas páginas deste livro escrito em linguagem simples e direta, o que foram os duros tempos do sertão das cabeceiras do Rio Pardo, caminho dos Goias. Uma luta de fronteiras que durou duzentos anos. Desfilará em seu espírito a valentia de homens como o alferes Jerônimo Dias Ribeiro e seus poucos soldados, por mais de quarenta anos vigiando as lindes com Minas Gerais, mantendo-as integras. Acompanhará o padre Francisco Bueno de Azevedo no seu giro anual de mais de cem léguas, para desobrigar os seus fregueses nos pousos de Cubatão, Batatais, Rafael, Lage, Sapucaí, Rio das Pedras e tantos outros, do rio Mogi-Guaçu ao Rio Grande. Contemplará os mineiros manejando suas bateias para recolher miseráveis oitavas de ouro, fiscalizados pelo fisco sem entranhas da Metrópole. Conhecerá as intrigas e onzenizes do sertão. A pobreza de quase todos. Depois a decadência da velha Freguezia e sua restauração em 1820. Andará, como nós, por insólitos caminhos. Encontrará, em certas épocas – em muitas épocas – uma cidade individada, carecente de tudo. Mas que não foi à ruína pela segunda vez. E terá um encontro com juízes ordinários, almotacés, vereadores, prefeitos, intendentes, médicos, farmacêuticos e homens que mourejaram duro no

amanho da terra. Saberá, nestes tempos de muito interesses e de exagerados egoísmos, que houve o lampejar de sonhos, o refulgir de ideais.

Verá como foi a sua terra, a nossa terra. Desde os primeiros dias. E então compreenderá por que ela pôde ressuscitar, crescer, desenvolver-se, não raro aos tropeços, batida pela adversidade.

Não quisemos dar a este livro um tom de epopéia. Mas ela é, em muitas partes, a sua tônica. Que este livro possa acordar na mente dos futuros dirigentes da cidade os seus vultos maiores. Não simplesmente colocando seus nomes numa placa que ninguém lê. Mas a homenagem maior: permitir que eles fiquem na nossa memória e na memória dos pósteros. Foi também isto que desejamos fazer e fizemos. Um povo sem memória perde o sentido de unidade, deixa morrer as suas raízes.

**ADRIANO CAMPANHOLE**  
Sócio Titular do Instituto Histórico  
e Geográfico de São Paulo

**MEMÓRIA  
DA  
CIDADE  
DE  
CACONDE**

**(Freguezia antiga de N. S. da Conseyção  
do Bom Sucesso do Rio Pardo)**

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte  
Câmara Brasileira do Livro, SP

C194m Campanhole, Adriano, 1912-  
Memória da cidade de Caconde : freguezia antiga  
de N. S. da Consção do Bom Sucesso do Rio Pardo /  
Adriano Campanhole. — São Paulo : A. Campanhole,  
1979.

1. Caconde - História I. Título.

79-0839

CDD-981.552

Índice para catálogo sistemático:  
1. Caconde : História 981.552

## AGRADECIMENTO

Agradecemos comovidamente aos que nos prestaram sua valiosa e desinteressada colaboração para escrevermos este livro, especialmente a:

- Wanderley dos Santos, do Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo
- Mario Mazzuia, historiador, residente em Jundiá

- Ricardo Artigiani, historiador, residente em Mogi-Guaçu
- Roberto Vasconcelos Martins, genealogista, residente em Ribeirão Preto
- Monsenhor Antônio David, diretor do Arquivo da Cúria Diocesana de São João da Boa Vista
- Fausto Pires de Oliveira, historiador, residente em São Simão
- Funcionários da Câmara Municipal de Caconde e da Câmara Municipal de Mogi-Mirim e
- Servidores do Departamento do Arquivo do Estado.

Aos que, de posse de documentos históricos, inclusive jornais antigos e fotografias de pessoas ou de velhos edifícios, negaram-se a cedê-los por empréstimo ao autor deste livro, e aos que, por motivos apenas de seu próprio conhecimento, procuraram dificultar a divulgação desta “Memória”, sem conhecerem um mínimo sequer do seu conteúdo, nem mesmo vamos pedir que se envergonhem.

Superados porém todos os percalços e vicissitudes atingimos nosso objetivo, entregando ao público este livro. No fastígio do momento presente, em que olhamos para o futuro, não nos esqueçamos dos que fundaram a velha Freguezia e dos que a restauraram e a mantiveram viva, vencendo o comodismo, a indiferença, os infinitos entraves.

# Exaltação

**F**OSTE, Caconde, a sentinela avançada, o baluarte, a ameia, o fortim, a barbacã, o bastião plantado para a defesa da terra mater.

Vou recontar os momentos culminantes de tua história. Aparecem nomes. A cada um rendamos nossas homenagens. Do capitão-general ao funcionário mais humilde; dos descobridores ávidos de riquezas e de honrarias aos faiscadores e giradores de bateias em que o ouro pintava sempre raro e pobre; dos coronéis das Ordenanças e das Tropas Auxiliares aos capitães, tenentes, sargentos, alferes, cabos de esquadra e soldados; dos administradores de contratos aos cobradores de direitos; dos guardamores aos párocos de sandálias rotas e de sotainas esfarrapadas, que percorriam dezenas de léguas para levar ao aflito uma palavra de esperança e de consolo; dos mamelucos varadores de mato, de posseiros e sesmeiros. E que participaram, todos eles, dos fatos e faustos de tua saga fascinante, de tua gesta fornitável!

Há nessas páginas o desfilar de refregas violentas, de valentias e de heroísmos inauditos. Houve momentos em que parecia uma guerra entre potências.

Nos domínios da Senhora da Conceição predominaram as gentes de São Paulo. E registrou-se mais que simples trocas de palavras corteses para assegurar as raias ancestrais.

Se quisermos saber como foi que tudo aconteceu temos de começar pelo principio. Há que ler este livro devagar, pois sobejado afinco tive eu para compô-lo. Foram anos e anos de pesquisas, de estudos, de árduas buscas, inclusive no exterior, para podermos ter de tudo uma visão global.

Nunca será demais dizer como eu te amo, São Paulo! Terra que meus avós imigrantes e que meus pais alienígenas regaram com o seu suor fecundo e fizeram florir e sorrir e rebentar em opulentas searas. Terra de meus filhos. De meus netos agora tão pequenos, que um dia lerão a minha narrativa.

Por ti, minha terra de Piratininga, pelo teu passado de tantas glórias, pelo teu presente, pelo teu futuro, lancei-me nesta luta. E este pouco que eu fiz, este nada que eu faço, é para afirmar, mais uma vez, quanto eu te quero. Sou uma árvore de fundas raízes fincadas no teu solo. Circulas em minhas veias. E és vida e seiva. Saudade e sonho. E promessas. E vindouras certezas.

Que este livro guarde a memória da cidade de Caconde, a lembrança de sua gente, de suas ruas, de suas praças, de suas casas. E fixe a sua fisionomia presente.

## INTRODUÇÃO À PRIMEIRA EDIÇÃO

**C**ONHECEMOS Caconde em 32, em plena revolução para a reintegração do país no regime local de que fora arrancado em 30. A Coluna “Romão Gomes” havia então batido as forças do Governo em Santo Antônio, Gramma, Sapecado, Santa Marta e Limoeiro, arremessando-as para fora das lindes paulistas naquele setor de luta. O Batalhão “Anhanguera”, depois de duras refregas, foi recebido com vivas e flores em Caconde, na véspera evacuada pelas tropas ditatoriais, que não puderam resistir ao ímpeto daquele ataque bem coordenado em três frentes simultâneas. E, simples soldado de São Paulo, na luta galvanizara um povo inteiro, acampamos na antiga Freguesia do Padre Bueno de Azevedo.

Os velhos sobrados coloniais, de vigas poderosas, as vivendas de terra socada, com seus largos beirais tão amados das andorinhas, despertaram nossa curiosidade. Velhos homens que acreditavam tanto quanto nós na grandeza da terra bandeirante, falaram-nos de sua história. Dos varadores de mato. De toda a imensa luta pelo seu desbravamento e conquista definitiva. Quase cento e dez anos havia que a cidade ali estava dependurada sobre a colina, a espiar, tranqüila, o dorso ásperos das montanhas corcoveando nas Gerais. Mas a sua história vinha de mais longe ainda. Remontava aos tempos heróicos da conquista do ouro, quando ao tropel imenso das bandeiras o próprio chão estremecia. E brancos, e mulatos, e pretos, e cafusos, manejavam bateias, revolviam cascalhos, mourejavam nas faisqueiras para juntar, num labor sobre-humano, magras oitavas do metal precioso. Não houve rio, córrego, morro ou lagoa que eles não revolvessem, caminhando para o desengano certo, ao mesmo tempo em que iam descobrindo novos mundos.

Foi esse o panorama histórico subitamente desdobrado ao nosso espírito. Uma sucessão de fatos que vinham até aos nossos dias entremeados de lendas, com a dificuldade quase insuperável de demarcar uma linha divisória entre a verdade e o que fora criado pela imaginação popular, que assim supria a falta de conjunto no relato dos acontecimentos de mais de século e meio.

Aparentemente nascida ao sabor da ventura do ouro, Caconde foi, no entanto, a sentinela paulista erguida pela visão de D. Luís Antônio de Souza, o ativo Capitão-General de São Paulo, para a defesa da Capitania naquelas paragens longínquas do nosso território, pondo com as guardas armadas um paradeiro às constantes invasões dos geralistas, preocupados com o pagamento das cem arrobas anuais de ouro à Coroa Portuguesa. Aquelas cem arrobas que se não podiam mais resgatar em virtude da exaustão das minas, criando, assim, o clima propício ao movimento libertário da Inconfidência Mineira.

O que o irrequieto José Umbelino Fernandes havia realizado, com esforço e tenacidade que merecem nossa admiração, não satisfazia, entretanto. A sua “Poliantéia”, publicada em 1924, por ocasião do primeiro centenário da fundação da cidade, constituía útil repositório de informações, pecando, porém, pela dispersão e falta de unidade. Veio-nos daí o desejo de escrever este livro, em que os fatos fossem expostos harmoniosamente, dentro de sua ordem cronológica, e nisso passamos a trabalhar efetivamente em 1941.

No Departamento do Arquivo do estado, onde se acumula o poderoso acervo de documentos para a história de São Paulo e do Brasil, fizemos longas e pacientes pesquisas, com a finalidade única de reviver os episódios mais importantes da vida de Caconde, aliás cheia de incidentes, como verá o leitor.

Para maior compreensão do texto, dividimos este livro em duas partes.

Na primeira é estudado o aparecimento do ouro em 1765 e a conseqüente fundação do Arraial, depois Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, até o seu desaparecimento em 1803, quando as catas auríferas, tão poucas, foram totalmente esauridas. Já era então o

agonizar do bandeirismo, os aventureiros trocando o nomadismo pela vida sedentária, fixando-se paulatinamente ao solo, para criar a riqueza agrícola e pastoril sobre o que havia de repousar a grandeza de São Paulo, riqueza que daria potentes que o ouro às arrobas não fez, espoliados como o eram os mineradores pelo fisco sem entranhas da Metrópole.

Na segunda parte veremos o reerguimento do povoado, em 1824, em terrenos doados, dois anos antes, por Miguel da Silva Teixeira e sua mulher, Maria Antônia dos Santos e os fatos que se sucederam, como o povoamento intensivo, sua elevação a Vila, depois a Comarca e a Cidade e o desenvolvimento de sua agricultura baseada no café.

Este livro é, pois, uma síntese da história da fundação e crescimento de Caconde – a história da mais velha cidade da vasta e rica zona chamada oeste de São Paulo. Foi Caconde, pode-se dizer, uma das largas portas por onde a Civilização entrou em sua marcha vitoriosa sobre importante região do nosso Estado. Dali saiu Simão da Silva Teixeira, irmão de Miguel, fundador de São Simão. Desta cidade se deslocaram José Borges da Costa, Manuel Fernandes do Nascimento, João, Antonio e Bernardo Alves Pereira, fundadores de Ribeirão Preto, de onde o progresso se irradiou poderosamente.

Faltam a este trabalho muitos pormenores que propositalmente deixamos de lado, para não alongá-lo. Não quisemos, por isso, fazer indagações sobre aspectos econômicos e sociais contemporâneos. Seria interessante, por exemplo, verificar até onde a economia cafeeira influiu no desenvolvimento da cidade, investigando-se também a contribuição dada pelo braço escravo e pelos trabalhadores estrangeiros na criação de riquezas, através da exploração do solo, do comércio e da indústria.

Oferecendo este livro a Caconde, como testemunho de nossa admiração pela velha cidade de Nossa Senhora da Conceição, estamos certos de que ele realiza inteiramente o nosso desejo de contribuir para o conhecimento de sua história, tão estritamente ligada a um dos capítulos mais movimentados e brilhantes da história de São Paulo – o da conquista da terra.

O autor



## SÍNTESE

Ouro pobre a pintar a custo nas bateias  
em parques aluviões de oitava miseráveis.  
Borra de ouro incapaz de por de novo cheias  
d'El Rei Nosso Senhor as arcas insaciáveis.

Ouro dos descaminhos mil, inevitáveis,  
da diária aventura e do fisco sem peias.  
Ouro quase ilusão, sem feitos memoráveis,  
mesmo assim acendendo a cupidez nas veias!

Restam somente agora a cascalhada ingrata  
velhas recordações de extintas faisqueiras,  
a memória talvez da derradeira cata,

Velhos beirais lembrando aquela gente andeja  
que no último afã das últimas bandeiras  
plantou no rude chão a tua primeira igreja.

Adriano Campanhole

## **SOBRE O AUTOR**

### **Carta de próprio punho do historiador Afonso Taunay**

Prezado Sr. Adriano Campanhole

O nosso amigo Aristides Lobo acaba de me entregar o volume do seu CACONDE a que se apôs tão generosa dedicatória.

Gostei muito, mas muito, de sua monografia, alicerçada por tão sólida base documental, cheia de informes inéditos, tão interessante e vivaz.

Parabéns pelo que realizou. É um trabalho a ser apontado a quantos se propõem a escrever monografias regionais, pela probidade da fatura, o afã da colheita de elementos de toda espécie, de modo a apresentar os dados históricos os mais diversos, geográficos, demográficos, econômicos.

Muito valiosos os subsídios sobre a importação e exportação da zona cacondense. Nos recenseados em 1850 encontro meu parente, Francisco Ribeiro do Vale, que era primo-irmão em primeiro ou segundo grau, de meu avô materno.

Reiterando-lhe os meus mais afetuosos parabéns e agradecimentos, assino-me

*Afonso de Escragnolle Taunay*  
São Paulo, 29-3-1948

### **Comentário do historiador Lelis Vieira**

“Caconde”, de Adriano Campanhole, constitui um histórico admirável da cidade paulista, traçada por um verdadeiro beneditino-jovem, que levou quase dois anos remexendo os documentos preciosos que embelezam o Departamento do Arquivo do Estado, a casa por excelência, oracular, custodiaria e ostensória da vida secular de São Paulo.

Campanhole, incansavelmente rebuscou todo documentário e publicações impressas sobre Caconde e fez um livro magnífico, em cuidado estilo, forma bonita, citações autênticas, exatas, originais, dando em certas páginas a idéia de Michelet fazendo história. É um trabalho que muito diz e muito fala do talento de historiógrafo de Adriano Campanhole, pois em 145 páginas de relato ancestral da cidade, o brilhante moço revela excepcionais atributos de pesquisador paciente, podendo vir a ser em obras de maior vulto, um dos nossos ilustres e notáveis escritores de história”.

*Lelis Vieira*  
“Correio Paulistano” – 29-11-1947

### **Comentário de Benedito Oliveira Santos**

“Ao finalizarmos este retrospecto histórico da cidade, desejamos prestar homenagem ao Sr. Adriano Campanhole pela confecção do livro “Caconde”, que estuda os primórdios da história local.

Nesse trabalho, Campanhole gastou longos meses de constantes pesquisas, produzindo uma obra básica para futuros historiadores, mandou imprimir por conta própria o livro e doou todos os exemplares à Igreja Matriz de Caconde”.

*Benedito de Oliveira Santos*  
“Cidade de Caconde” – 22/29-12-1957, pág. 3

### **Carta do historiador Ricardo Gumbleton Daunt**

Em 6 de outubro de 1947 recebeu o autor a seguinte carta do historiador Ricardo Gumbleton Daunt, que foi diretor do Serviço de Identificação do antigo Gabinete de Investigações da Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo:

“Prezado confrade Sr. Adriano Campanhole

“É com prazer que venho agradecer o exemplar, acompanhado de gentil dedicatória, do seu trabalho “Caconde”, síntese da história de sua fundação e desenvolvimento, cujas páginas acabo de percorrer com grande satisfação.

Congratulo-me como os que se dedicam às letras históricas pela sua valiosa contribuição, enriquecendo-as à luz da pesquisa de preciosa documentação.

Seria de desejar que o exemplo frutificasse para que S. Paulo tivesse sua história vestida com o esplendor das cores locais de suas vilas e cidades.

Desvanecido pela atenção, creia-me seu amigo e confrade

*Ricardo Gumbleton Daunt”.*

## **ELEIÇÃO PARA O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO**

O autor foi eleito para o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo em 5 de abril de 1946, conforme faz certo a seguinte carta que lhe foi endereçada pelo 1.º secretário daquele sodalício:

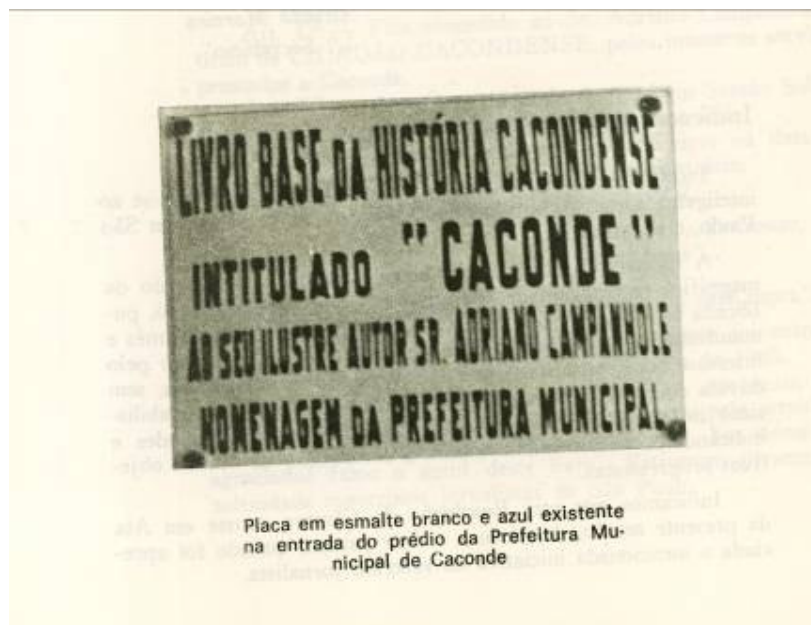
“São Paulo, 15 de abril de 1946

Exmo. Sr. Adriano Campanhole:

Tenho o prazer de comunicar-lhe que, em sessão ordinária realizada no dia 5 do corrente, foi V. Ex. eleito sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o que representa para este sodalício uma aquisição valiosa, que, estou certo, se consubstanciará em uma cooperação assídua, com novas realizações no domínio da inteligência e da cultura.

Acrescento às minhas calorosas felicitações os protestos da mais elevada estima e distinta consideração

*Prof. Tito Lívio Ferreira*  
1.º Secretário”.



## SERVIÇOS PRESTADOS A CACONDE

Da Câmara Municipal de Caconde recebeu o autor, com data de 10 de fevereiro de 1948, o seguinte ofício, sob n.º 32:

“Cumpre-nos, atendendo à Indicação n.º2 apresentada à Câmara Municipal e aprovada em Sessão realizada em 7 do corrente, vir à presença de V. Sa. Para entregar-lhe cópia autêntica da mesma, para seu conhecimento.

A Mesa da Câmara, promotora dessa justa homenagem a V. Sa., cumprimenta-o apresentando-lhe os protestos de real consideração.

Atenciosamente

*Nestor Ribeiro Nogueira*  
Presidente

*Alcindo Moreira*  
1.º Secretário”.

### Indicação n.º2

Indicamos à ilustre Câmara a oportunidade de oficiar-se ao inteligente jornalista sr. Adriano Campanhole, residente em São Paulo, o seguinte:

A Câmara Municipal de Caconde tomo conhecimento da magnífica reportagem de sua autoria, sobre este município, publicada na FOLHA DA MANHÃ do dia 1.º do corrente mês e manifesta os seus francos aplausos e seu reconhecimento pelo interesse demonstrado em prol de Caconde. Sua Senhoria, sem dúvida revelou, através de sua brilhante inteligência, louvabilíssimo interesse por esta terra, enaltecendo-lhe as qualidades e indicando o melhor caminho para a consecução de ótimos objetos progressistas.

Indicamos que esta Resolução da Câmara conste em Ata da presente sessão, de modo a tornar patente quando foi apreciada a mencionada iniciativa do referido jornalista.

### Justificação:

O Sr. Adriano Campanhole, de há tempos vem demonstrando entusiasmo e admiração por tudo que diz respeito a Caconde e, possuidor de cultura e capacidade, tem posto as suas belas qualidades a serviço da divulgação dos dotes naturais deste município; espontaneamente vem assim procedendo.

Pertence ele, hoje, a uma das mais antigas e tradicionais famílias de Caconde, cujo chefe, o Dr. Francisco Cândido da Silva Lobo, tem um lugar de especial destaque e a

nossa melhor estima, de vez que, além de médico emérito, foi por 50 anos participantes dos negócios públicos de Caconde, com invulgar competência, desvelo e honestidade.

Merece, pois, o Sr. Adriano Campanhole, os agradecimentos da Câmara Municipal de Caconde. Em 7 de fevereiro de 1947.

Nestor Ribeiro Nogueira, Alcindo Moreira”.

## **TÍTULO DE CIDADÃO CACONDENSE**

Pela Resolução n.º160, de 2 de junho de 1967, a Câmara Municipal de Caconde concedeu ao autor deste livro o título de cidadão cacondense. Eis a íntegra do ato mencionado:

### **“RESOLUÇÃO N.º160**

“A Câmara Municipal de Caconde Resolve:

Art. 1.º - Fica concedido ao Sr. Adriano Campanhole o título de CIDADÃO CACONDENSE, pelos inúmeros serviços prestados a Caconde.

Art. 2.º - A outorga do título dar-se-á em Sessão Solene desta Câmara, que a Mesa convocará na oportunidade.

Art. 3.º - Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação, revogada as disposições em contrário.

Sala das Sessões, em 2 de junho de 1967.

*Waldemar Carlos de Souza*  
presidente”.

Registrada e publicada nesta Secretaria, na data supra”.

*Entrega* – O título de Cidadão Cacondense foi entregue em solenidade realizada no dia 21 de setembro de 1968.

O autor e o Dr. Custódio Tavares Dias, que nesta data recebeu o mesmo título, foram saudados pelo presidente da Câmara, Sr. Waldemar Carlos de Souza. Em nome dos agraciados falou o autor deste livro. Estiveram presentes à solenidade numerosos jornalistas de São Paulo.



O autor quando recebia o título de cidadão cacondense, em sessão solene realizada na Câmara Municipal no dia 21-9-1968. A esquerda o Sr. Waldemar Carlos de Souza, presidente da edilidade e à direita o Sr. Nilson Cassiano Dias, prefeito municipal. Na mesma data recebeu igual título o Sr. Custódio Tavares Dias, ex-delegado de polícia da cidade.

## HINO A CACONDE

Música: Ruth Cerqueira Luz  
Letra: Paulo Cerqueira Luz

Caconde, cidade morena  
De vida serena  
Que alegre e apraz  
Cativa a quem te visita  
Ó estância da paz

Avistas a Faisqueira  
Que é a fronteira  
De Minas Gerais  
Teu Clima saudável  
Teu povo amável  
Não se esquece jamais

### Estrilho

És a terra dos passarinhos  
Dos canários amarelinhos  
Do café que tem sabor  
Dos carros cantadores  
Dos vasos de belas flores  
Aos pés do Cristo Redentor

Graminha que é hoje barragem (1)  
Dá nova roupagem  
À vista sem par  
Os vales tão verdes de outrora  
Imersos agora  
Parecem um mar

Palmeiras altas, formosas  
Ao lado das rosas  
Quais jóias em flor  
Na fonte sonora  
Que a noite decora  
De luz e de cor.

---

(1) – A Barragem não é na Graminha. O projeto inicial queria a construção no local que tem este nome.

NOTA – O Hino a Caconde não foi oficializado.



## HINO A CACONDE (1)

Letra e música do maestro João Batista Martins  
(Praxedinho)

### I

*Caconde é uma Estância  
limítrofe de um estado mineiro  
com mais de cem anos de idade  
progride graças a mocidade*

### II

*É cercada de montanhas e matas  
e um rio a circunda e andante  
com os seus meandros e cascatas  
orgulho de seus habitantes*

### III

*Seu solo é rico e valioso  
seu céu é claro e cor de anil  
seu povo é bom e valoroso  
seu lema é servir ao Brasil*

### IV

*Amemos nossa terra querida  
que é nosso lema sem par  
pois nela teremos guarida  
e onde construiremos nosso lar*

(1) – Não encontramos a música.

## **BRASÃO DE ARMAS**

LEI N.º 555, DE 28 DE NOVEMBRO DE 1961

*Dispõe sobre a criação do Brasão de Armas.  
Crédito Especial de Cr\$ 50.000,00*

José Orrico, prefeito Municipal de Caconde, Estado de São Paulo, na forma da lei, etc.

Faço saber que a Câmara Municipal de Caconde decretou e eu promulgo a seguinte lei n.º 555:

Art. 1.º Fica por esta lei criado o Brasão de Armas da Cidade de Caconde, obedecendo ao projeto apresentado com o Memorial Justificativo e Explicativo, que passa a fazer parte integrante deste projeto.

Art. 2.º O Brasão de Armas de Caconde compor-se á de:

Escudo português blau, com dois montes de ouro na ponta e deles nascente em pala um almocrafe ao natural encimado por um crescente de lua de prata no chefe. Coroa mural de ouro de quatro torres ameadas e sua porta cada uma. Suporte: dois ramos de café frutificado de sua cor. Divisa: Aequè Aurum Aura de ouro em filão sinople.

Art. 3.º Para fazer face às despesas na elaboração e confecção do Brasão de Armas, fica aberto na Contadoria Municipal um crédito especial de Cr\$ 50.000,00 (cinquenta mil cruzeiros).

Art. 4.º O crédito aberto pelo artigo 3.º será coberto com os recursos provenientes do excesso de arrecadação do exercício.

Art. 5.º Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Mando a todos a quem a execução desta lei competir que a executem e façam executar tão inteiramente como nela se contém e declara.

Prefeitura Municipal de Caconde, 28 de novembro de 1961.

José Orrico, prefeito municipal.

Registrada e publicada nesta secretaria na data supra.

Caconde, 28-1-1961. *Benedito O. Santos*, secretário da Prefeitura”.

## **MEMORIAL JUSTIFICATIVO E EXPLICATIVO DO BRASÃO DE ARMAS DE CACONDE**

Escudo português (ou redondo) já consagrado pela nossa heráldica de Domínio, a lembrar a raça descobridora e formadora:

de blau, isto é, azul cor do céu, apta a receber os símbolos que se seguirão: montes e crescente de lua que contra o céu se vêm:

montes de ouro e prata, referentes a acidente geológico local, aquela região empolada de montanhas (apud Umbelino Fernandes), e à extração de ouro preponderante na história de Caconde; diz-se heraldicamente na ponta para significar o terço inferior do campo de um escudo, isto é, a terra onde jaz o ouro;

nascente em pala é dizer, surgindo de entre os montes e posta em posição vertical no escudo;

um almocafre, símbolo central destas armas, instrumento típico da era bandeirante, pela primeira vez empregado em armorial, e, pois, empregado no faiscamento do ouro; característica histórica de Caconde que ainda guarda, como relíquias, as suas famosas faisqueiras; (1)

ao natural, quer dizer, representado em sua cor normal;

crescente de lua de prata: emblema religioso de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da Cidade;

no chefe: quer dizer, no terço superior do escudo, posto de honra reservado à mais alta dignidade homenageada;

Coroa mural de ouro: já estabelecida em nosso Armorial para as cidades importantes;

ramos de café: economia maior do município;

justificativa de sua cor: apresentado em seu estado natural.

Divisa AEQUE AURUM AURA, traduzindo: "tal como o ouro à altura " (ou renome, fama, glória, etc.).

de ouro de filão de sinople: letras de ouro sobre fita verde: evocação das cores nacionais.

---

(1) – Todos os documentos da época da faiscação no Bom Sucesso e no Bom Jesus deixam claro que o ouro ali era recolhido era um ouro de aluvião ou de lavagem. Desta forma, o emprego do almocrafe não teria sido possível, pois este seria instrumento típico de mineração nas grupiaras e não nas faisqueiras.



